

VIVÊNCIAS EM CORES: A EXPERIMENTAÇÃO DA PAISAGEM MEDIADA PELA ARTE

EXPERIENCES IN COLORS: THE EXPERIMENTATION OF LANDSCAPE MEDIATED BY ART

Everton Ribas Freitas¹

Bruna de Paula Almeida²

Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira³

Rachel Caroline de Oliveira Silva⁴

Ana Aparecida Pereira Barbosa⁵

Resumo

Este artigo produzido pelo Grupo de Educação Tutorial - Arquitetura e Urbanismo (GET), da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Juiz de Fora (FAU/UFJF), trata de um estudo sobre a paisagem e as cores do céu em sua manifestação sensível. É um relato acerca da oficina “Vivências em Cores” - realizada em seminário virtual em virtude do contexto da pandemia da Covid-19 - que foi desenvolvida a partir de experiências paisagísticas mediadas por desenhos de observação desempenhados durante 7 dias em localidades diversas e particulares onde se encontravam os oficiantes. Está fundamentado nos princípios do método científico apresentado por Göethe em suas obras “A Viagem à Itália” (1999), “A Metamorfose das Plantas” (1993) e “Teoria das Cores - *Farbenlehre*” (POSSEBON, 2009), bem como em estudos sobre a Polissemia da Paisagem (BESSE, 2014). Irá apresentar as representações obtidas e analisar a relação entre a paisagem em sua metamorfose e o observador e ilustrador, tendo a arte como experimento mediador e expressão sensível dos fenômenos vivenciados.

Palavras-chave: paisagem; experiência; cor; céu; fenomenologia; desenho.

Abstract

This paper was produced by the Tutorial Education Group - Architecture and Urbanism (GET), from the Faculty of Architecture and Urbanism of the Federal University of Juiz de Fora (FAU/UFJF), and deals with a study of the landscape and the colors of the sky as a sensitive manifestation. It is a report of the workshop “Experiences in Colors” - held in a virtual seminar

¹ Graduando em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, everton.freitas@arquitetura.ufjf.br; ORCID: 0000-0001-8472-832X.

² Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, bruna.almeida@arquitetura.ufjf.br; ORCID: 0000-0003-1451-0493.

³ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, eduarda.ribeiro@arquitetura.ufjf.br; ORCID: 0000-0002-1834-4763.

⁴ Graduanda em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, rachel.caroline@estudante.ufjf.br; ORCID: 0000-0002-6826-9730.

⁵ Professora Doutora, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) - Departamento de Projeto, História e Teoria da Arquitetura e do Urbanismo (DPHT), Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil, arqanabarbosa@gmail.com; ORCID: 0000-0002-6439-4091.

due to the context of the Covid-19 pandemic - which was developed from the landscape experiences mediated by observation drawings performed during 7 days in different and particular locations, where the officials were at the time. It is based on the principles of the scientific method presented by Goethe in his works "The Journey to Italy" (1999), "The Metamorphosis of Plants" (1993) and "Theory of Colors - Farbenlehre" (POSSEBON, 2009), as well as on studies on the Polysemy of Landscape (BESSE, 2014). This paper presents the representations obtained and analyze the relationship between the landscape in its metamorphosis, as well as the observer and illustrator, having art as a mediating experiment and also a sensitive expression of the experienced phenomena.

Keywords: landscape; experience; color; sky; phenomenology; design.

1. Introdução

A atividade de extensão intitulada "Vivência em cores", organizada pelo grupo de Educação Tutorial (GET) Arquitetura e Urbanismo, foi elaborada em ambiente virtual oficial instituído pela UFJF - Meet/Classroom, em uma sala aberta para o II Seminário Científico do GET Arquitetura e Urbanismo, de nome "Em Metamorfose: as cores, as plantas e a cidade", ocorrido em julho de 2021. A conferência ocorreu durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE) em respeito às regras sanitárias decorrentes da pandemia da COVID-19.

A vivência consistiu, principalmente, na observação, percepção e a idealização do céu para o registro artístico por cada integrante do GET Arquitetura e Urbanismo. Tal atividade foi realizada de maneira a proporcionar uma experimentação da paisagem, partindo da arte como mediadora entre a percepção e a sensibilidade. A obra de Goethe denominada "*Viagem a Itália*", é o principal referencial teórico conceitual utilizado para a atividade realizada. Goethe, fez esta viagem entre 1786 e 1788, com metas científicas de estudos; para a atividade foi estudada ainda a tese de Ennio Possebon "*A teoria das cores de Goethe hoje*", que investiga os fundamentos e pressupostos da Teoria das Cores (*Farbenlehre*) e também a obra de Jean-Marc Besse "*Ver a terra: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia*".

No âmbito acadêmico, pouco se identificou sobre estudos da cor imbuída no processo constitutivo da Arquitetura (POSSEBON, 2009). O ensino de projeto em arquitetura e urbanismo na graduação da FAU/UFJF coloca como foco principal a questão formal, a compreensão de limites e programas, a esfera espacial, dentre outras inúmeras questões. No entanto, a cor pode ser um elemento de interesse especial importante quando se apresentam aspectos relativos ao espaço do sentir aplicado à experiência paisagística.

Para Goethe (1993), olho e luz são "presos" na formação das cores, retirando o foco meramente do objeto e sugerindo uma relação entre sujeito e objeto, de modo a explicitar essa paisagem através de uma visão sensível. Careri (2017) também cita que a experiência nos leva para além do conhecido e nos coloca em direção ao outro. A cor, portanto, se faz importante como um instrumento desta experiência, em que:

A paisagem é o espaço do sentir, ou seja, o foco original de todo o encontro com o mundo. Na paisagem, estamos no quadro de uma experiência muda, "selvagem", numa primitividade que precede toda instituição e toda significação. (BESSE, 2006, p. 80)

Ao compreender a paisagem conforme nos apresenta Besse, as atividades de vivência das cores realizadas pelo grupo consistiram em observar o céu durante 7 dias, dando

preferência aos horários de nascer e pôr-do-sol, na realização de representações da paisagem a partir de técnicas artísticas mistas. Então, foi realizada uma apresentação das experiências individuais, em evento virtual aberto ao público regional. Neste artigo, tendo as produções artísticas como referencial de estudo, foram realizadas análises iconográficas inspiradas nos conceitos da estética de Goethe.

2. A Experiência da Paisagem

Em contradição aos anseios preconizados pelo grupo GET/UFJF de conhecer e estudar novas paisagens em visitas técnicas, a experiência do isolamento social imposta pela pandemia da COVID-19 trouxe a reflexão sobre uma nova relação com o mundo. O espaço do ir e vir dos encontros entre pessoas se tornou equivalente ao tempo de acessar a vídeo chamada, e com isto, o ato estético contido em caminhar pela cidade deixa de fazer parte da vida cotidiana conforme nos apresenta Careri (2013). Trata-se, não apenas de reinventar hábitos, mas também de se apropriar da paisagem a partir de uma nova experiência.

Besse (2014) entende que a paisagem, além de ser um conceito partilhado entre diversas disciplinas - polissemicamente -, é produzida pela cultura. Em complemento à sua ideia, lembra o enunciado de Eric Dardel de que, em essência, ela é “[...] inserção do homem no mundo” (DARDEL in BESSE, 2014). Dessa forma, para ele:

As paisagens são ambientes, meios, atmosferas, antes de serem objetos a serem contemplados.

Segundo essa quarta perspectiva [paisagem como experiência fenomenológica], a paisagem pode, então, ser compreendida e definida como o acontecimento do encontro concreto entre o homem e o mundo que o cerca. A paisagem é, nesse caso, antes de tudo, uma experiência. Mas no sentido geral essa experiência paisagística ou, melhor dizendo, essa paisagem que se apresenta como experiência só remete, para o ser humano, a certa maneira de estar no mundo e ser atravessado por ele. (BESSE, 2014)

Considerando a paisagem como experiência, e diante da contração de um universo habitado até então extenso, resultante de uma - também - contração das relações sociais durante a pandemia, surge o desafio de estar em contato com esta paisagem e, assim, aprofundar a experiência entre habitante e mundo, neste contexto.

A resposta poderia ser encontrada, primeiramente, do olhar atento aos antigos e novos hábitos no ambiente da habitação. O abrir-se ao mundo pode ter se dado para alguns via rádio/internet/TV, mas é através da janela de casa que se dá verdadeiramente. É através dela que a luz penetra colorindo o interior ao tocá-lo acaloradamente.

Mais do que mera vista da maneira como o mundo se apresenta, é preciso experienciar para compreender os efeitos de tal encontro. Assim como para Goethe (1999), é necessário aprender e apreender do mundo - a partir da sensibilização possibilitada na experiência da paisagem - as ferramentas para uma formação do espírito: O mundo é um prolongamento da escola, onde o espírito conclui sua formação segundo o estilo definido de sua liberdade pessoal. (BESSE, 2006, p.43)

Tal liberdade apresentada por Besse nos remete a Goethe, que inscreve a experiência como formadora em um processo íntimo, e é em sua viagem à Itália que encontra, nesta

escola empírica, os mecanismos de ver e interpretar a natureza em seus fenômenos. Em seu entendimento, “se a paisagem é uma representação, esta imagem só encontra seu sentido metafísico nos parâmetros de uma teoria sentimental” (BESSE, 2006, p.48).

Desse modo, o evento em plataforma virtual, realizado pelo grupo GET Arquitetura e Urbanismo da UFJF e que teve como uma das atividades a oficina “Vivências em Cores”, que foi idealizada de forma a promover experiências compartilhadas. Ademais, foi baseada na intimidade com a paisagem a partir da vista da janela de onde estivesse o oficiante em sua individualidade ao pintar. Como mediadora, a “Teoria das Cores” de Göethe possibilita compreender o fenômeno da luz e das cores (POSSEBON, 2009). É recorrendo à prática representacional da pintura - apropriada, aqui, através do desenho - que se dá o encontro verdadeiro entre o artista e a natureza, num processo de reconciliação entre o racional e o sensível:

[...] A natureza torna-se visível na paisagem, não em sua objetividade científica (uma natureza newtoniana), mas como imagem, onde um sujeito pacificado reencontra uma natureza pacificada. A paisagem, mundo do olhar, reconcilia as faculdades (razão e sensibilidade) separadas pela ciência. A contemplação e o gozo se encontram.

[...] É, com efeito, pela pintura que a natureza se revela, mas é no seio da representação pictórica, sob a forma (ou não forma...) do vapor, que um elemento concentra em si a possibilidade dessa revelação e da *passagem* da arte à realidade. Movimento de envolvimento da pintura e da natureza, que se articula em torno do lugar ocupado pelo vapor na atmosfera na estratégia do discurso de Goethe. (BESSE, 2006, p.53)

É através dos vapores do céu - meio turvo, necessário para que as cores apareçam com o toque da luz -, que a majestosa transição do dia para a noite, e da noite para o dia, se manifesta através de fenômenos visíveis (BESSE, 2006). É a eles que a observação se dirige, a fim de captar a essência metamórfica do céu e da natureza, a sutileza por onde transita sua coloração e a relação entre a percepção do fenômeno (natureza) e sua representação sensível através do artista - neste caso, arquitetos, arquitetas e urbanistas.

3. Olhando Pela Janela

O céu pode ser interpretado como um dos reflexos mais perceptíveis da metamorfose da natureza. Ao observar essa amplitude pode-se notar o quanto ali não se percebe o estático ou duradouro, mas com clareza o que é volátil e célere. Uma nuvem não é observada da mesma forma em segundos diferentes, assim como as especificidades do céu de uma determinada cidade o diferencia daquele de outra cidade, por menor que seja a distância entre elas. A partir dessas considerações analíticas, que se comparam muito ao que foi estudado por Goethe sobre os vapores da natureza (BESSE, 2006), estruturou-se uma ação com o objetivo de captar a essencialidade do céu e sua mutabilidade, por cada participante do exercício, onde ele se encontrasse.

A oficina, que ocorreu em 2021, de forma remota, devido ao contexto pandêmico da Covid-19, poderia ser feita em horários e dias diferentes por cada integrante do grupo, já que todos estariam em cidades diferentes com adversidades e previsões do tempo distintas. Decorrente de tal restrição, as reuniões para a realização da atividade se fizeram por vídeo chamada. Esse contexto fortaleceu a necessidade de compartilhamento das experiências da

atividade com o grupo após a conclusão, destacando sempre emoções e sensações vivenciadas.

Durante 7 dias cada integrante do grupo desenvolveu desenhos de suas observações do céu (Figuras 1 a 10).

Figura 1: Ilustrações de Bruna de Paula Almeida. Volta Redonda, RJ. 10 a 16 de junho. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 300g/m².



Fonte: Elaborado por Bruna de Paula Almeida.

Figura 2: Ilustrações de Carolina Cardi Pifano de Paula. Juiz de Fora, MG. 2 a 8 junho. Lápis de cor aquarelável sobre papel sulfite, 75g/m².



Fonte: Elaborado por Carolina Cardi Pifano de Paula.

Figura 3: Ilustrações de Everton Ribas Freitas. Muriaé, Minas Gerais. 2 a 8 junho de 2021. Lápis de cor aquarelável e marcadores artísticos sobre papel sulfite, 75g/m².



Fonte: Elaborado por Everton Ribas Freitas.

Figura 4: Ilustrações de Lara Vilela Vitarelli. Brasília, DF. 14 a 20 de junho de 2021. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 300g/m².



Fonte: Elaborado por Lara Vilela Vitarelli.

Figura 5: Ilustrações de Marcela Figueiredo de Paula. Juiz de Fora, MG. 4 a 10 de Junho de 2021. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 200g/m².



Fonte: Elaborado por Marcela Figueiredo de Paula.

Figura 6: Ilustrações de Mariana Soldati. Ubá, MG. Giz de cera e caneta nanquim sobre papel vergê 180g/m².



Figura 7: Ilustrações de Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira. Cataguases, MG. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 300g/m².



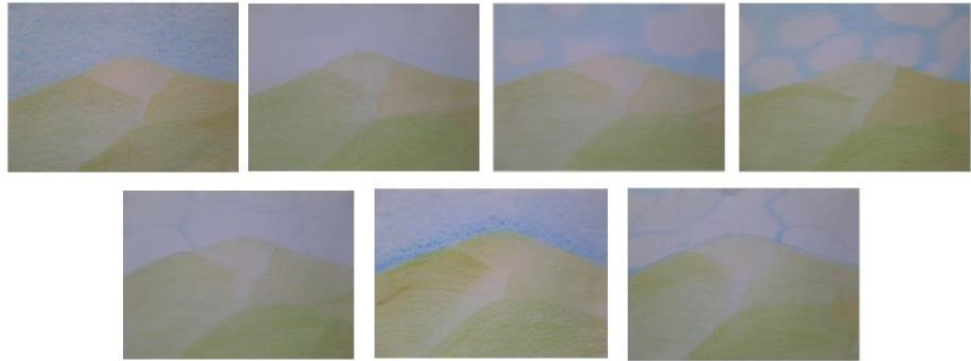
Fonte: Elaborado por Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira.

Figura 8: Ilustrações de Patrícia Nogueira Alves. Barbacena, MG. 16 a 22 de junho de 2021. Lápis de cor aquarelável e caneta nanquim sobre papel artístico "C" à grain, 224g/m².



Fonte: Elaborado por Patrícia Nogueira Alves.

Figura 9: Rafaelli Machado dos Santos. Barra do Piraí, RJ. 2 a 8 de junho de 2021. Giz de cera sobre papel sulfite, 75g/m².



Fonte: Elaborado por Rafaelli Machado dos Santos.

Figura 10: Ilustrações de Rachel Caroline de Oliveira e Silva. Barbacena, MG. 17 a 23 de junho de 2021. Aquarela e caneta nanquim sobre papel artístico 100g/m².



Fonte: Elaborado por Rachel Caroline de Oliveira e Silva.

Uma das oportunidades deste estudo subjetivo da atmosfera a se destacar é o fato da observação do céu ter sido feita em diferentes cidades - localizadas em dois estados e no Distrito Federal -, sendo estas Juiz de Fora - MG, Muriaé - MG, Ubá - MG, Cataguases - MG, Barbacena - MG, Volta Redonda - RJ, Barra do Piraí - RJ e Brasília - DF. Assim, os participantes puderam executar a atividade em locais afetivos e em momentos que fossem os mais adequados para uma observação do céu contemplativa, sensível e atenta.

A instrução foi que os desenhos fossem feitos no mesmo momento de observação do céu, para que as representações também contivessem experiências sensoriais e emocionais traduzidas em forma de cores e formas. Outra orientação feita para o grupo foi que fosse dada preferência aos horários de nascer e pôr-do-sol, já que são momentos nos quais o céu possui uma variedade maior de cores e tonalidades contidas em sua metamorfose. Além disso, foram utilizadas técnicas de desenho manual diversas. Dentre as utilizadas, destacam-se aquarela, giz-de-cera, lápis de cor e marcadores artísticos. Este conjunto de fatores tornou a oficina uma experiência de introspecção. Em sua conclusão, houve o compartilhamento das ilustrações e das vivências dos participantes.

E assim, cada integrante, escolhendo os dias e horários mais favoráveis, fez as

observações acomodando-se em um local tranquilo, privilegiando lugares onde houvesse o mínimo de informações sensoriais capazes de influenciar negativamente o processo de introspecção e estabelecimento de uma relação sensível com a paisagem. Foi orientado que os oficiantes utilizassem artifícios que aumentassem sua percepção sensorial, como estímulos sonoros e olfativos.

Sugeriu-se ouvir músicas, cujas letras escolhidas tematizam a natureza, a cidade, a vida urbana e a paisagem cultural, durante a pintura do céu. Em sua linguagem poética, narraram paisagens simbólicas - idealizadas pelo(a) compositor (poeta), experimentadas como narrativa pelos oficiantes - inserindo a experiência de unicidade com a paisagem também na totalidade da cultura. Em seus ritmos, timbres, instrumentos e composições, acordes se alternam resultando numa sonoridade em metamorfose, contribuindo, assim, para intensificar as nuances de uma atmosfera sensível do sujeito que se propõe à escuta e observação.

Pode-se perceber que a paisagem pode ter grande parte da sua essência traduzida no subjetivo da escrita, como na filosofia e na poesia. Estes se originam da experiência do autor, geralmente com percepções profundas e reflexivas. Dessa forma, foi norteado que os oficiantes pudessem, além de experienciar a paisagem narrada através da música e da representação pictórica, se utilizar também da linguagem poética e narrativa para expressar suas sensações.

Os discursos que se encarregaram, principalmente, dessa interrogação sobre a língua e seus poderes de apresentação da experiência, assim como sobre as relações que ela mantém com o momento próprio da sensibilidade paisagística, situam-se mais do lado da poesia e da filosofia (e até, às vezes, *no caso na fenomenologia, na exata articulação, embora sempre problemática, do registro filosófico e do registro poético.* [...] Como se, no fundo, apenas o trabalho sobre a língua que se faz em filosofia e em poesia pudesse fazer jus à experiência paisagística na sua verdade, como se somente na poesia e na filosofia o evento paisagístico pudesse ser restituído e levado ao auge de sua realidade. (BESSE, 2009, p.53) (grifos do autor)

Ao final do experimento, foi realizada discussão que contou com a apresentação dos materiais produzidos. Dessa forma, foram compartilhadas as circunstâncias da observação, os sentimentos notados - intensamente particulares - e ainda o que identificaram de congruências e similaridades em relação aos estudos realizados e o saber construído na experiência.

3.1. O Encontro de Lugares: a(s) Metamorfose(s) do(s) Céu(s)

A experiência relatada em comum por todo o grupo foi de como a representação da paisagem se destoa dela em si, já que os vapores do céu são tão efêmeros a ponto de ser impossível a representação destes fidedignamente.

O ato de representar a paisagem parte de um impulso de percepção, sensibilização, abstração e representação. É nas nuances manifestadas no céu que está contida esta esfera do sensível. Nesse sentido, a cor exerce papel fundamental, pois na visão de Goethe:

A cor e a pintura como arte da cor dão aos homens o mundo em sua verdade sensível e vivente. Na cor encontra-se o que a geometria não alcança, a carne do mundo, que é o lugar mesmo da manifestação da sua essência. (BESSE, 2006, p.54)

Para Goethe, é através da interação entre luz, escuridão e o meio turvo, como o próprio vapor e elementos opacos, que se tem a possibilidade da cor e, conseqüentemente, das formas (BESSE, 2006).

Findada a experimentação da paisagem, passou-se à investigação desta verdade contida na essência da cor e das formas no céu a partir de uma mediação artística.

De imediato, o que se percebe a partir dos desenhos produzidos durante o experimento é, de fato, a qualidade metamórfica da paisagem. Cada uma das partes - enquadramentos do céu -, capturadas em momentos isolados, constituem pedaços de um mosaico extenso e mutável, que condiciona o estar no mundo.

As ilustrações se apresentam como recortes do céu, capazes de ressaltar uma parcela do mundo observado. Tal enquadramento escolhido foi resultado de uma interação afetiva com a paisagem, fruto de uma sensibilização do sujeito, por parte do objeto (GOETHE, 1993). Ainda que em parte, estavam contidos elementos não representados através do sentido construído no desenho. Assim, o enquadramento é, também, capaz de conter uma totalidade (Figura 11).

Figura 11: Rachel Caroline de Oliveira e Silva, Dia 5. Aquarela e caneta sobre papel artístico 100g/m².



Fonte: Rachel Caroline de Oliveira e Silva (2021).

As colorações nos objetos no espaço (como os edifícios na cidade) são condicionadas pela maneira com que os raios luminosos os tocam, suas tonalidades conforme o momento do dia e, até mesmo a localização no globo terrestre e as condições meteorológicas. Logo, a variação de cores na paisagem está intrinsecamente ligada a uma noção de sistema universal que influi sobre a maneira com que a natureza se apresenta, como fenômeno tanto físico, quanto sensível. Dessa forma, em meio a tantos condicionantes externos e internos aos observadores, as porções observadas no céu não poderiam ser iguais, nem as suas representações.

Figura 12: Marcela Figueiredo de Paula, dia 1. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 200g/m².



Fonte: Elaborado por Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira.

Figura 13: Marcela Figueiredo de Paula, dia 2. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 200g/m².



Fonte: Elaborado por Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira.

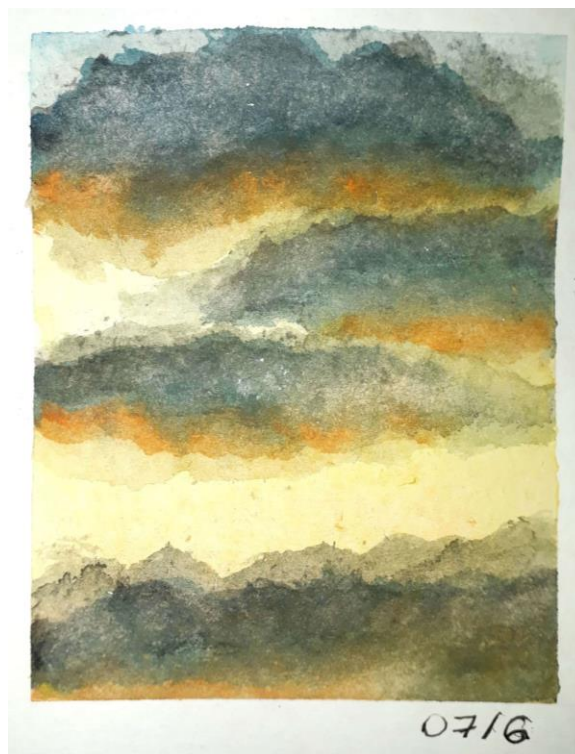
Figura 14: Marcela Figueiredo de Paula, dia 6. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 200g/m².



Fonte: Fonte: Elaborado por Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira.

A noção de formas - especificamente os vapores esculpidos pelo vento - se evidencia na transição de uma coloração, em sua essência, clara - como branco e amarelo; e uma coloração escura - cinza e azul. Outrossim, a variação da intensidade de uma cor em uma faixa de ilustração, sendo uma de suas extremidades clara, e outra escura, também é capaz de conduzir ao significado de uma tridimensionalidade por meio do entendimento de superfícies iluminadas e superfícies não iluminadas. A presença de manchas de cor no interior do objeto formado também contribue para elaborar detalhes nesta escultura, seguindo o mesmo princípio (Figuras 12 a 17).

Figura 15: Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira, dia 6. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 300g/m².



Fonte: Fonte: Elaborado por Maria Eduarda Ribeiro de Oliveira.

Além de meras tonalidades, a forma também é construída pelo movimento do traçado, que acaba por condicionar a maneira com que a gradação de tons irá se distribuir pela superfície desenhada.

Foi notado em diversos desenhos o grande contraste entre as cores quentes e frias, da mesma forma que a atitude de acentuar determinada cor no momento de produção da pintura – por vezes não consciente – revela o direcionamento do olhar no instante da observação. Além disso, ressalta-se a influência da incidência de luz sobre o papel em que se desenha, distorcendo o branco e as cores da ilustração que é construída no momento. Assim, o ato da representação pode intensificar o que é percebido das cores do céu visto que é uma interpretação sensível do fenômeno, a depender, também, da maneira com que o artista emprega as cores em suas intensidades, temperaturas, tonalidades, gradações, movimentos do traçado, dentre outros aspectos técnicos.

Figura 16: Bruna de Paula Almeida. Aquarela em pastilha sobre papel para aquarela 300g/m².



Fonte: Elaborado por Bruna de Paula Almeida.

A ruptura causada por uma mancha escurecida, cercada por manchas de claridade em tons quentes provocam sensações de angústia e peso, enquanto uma mancha clara, em amarelos ou branco, eleva o espírito a sentir-se livre perante o respiro visual. Por sua vez, uma mancha que expressa claridade circundada de uma escuridão bem consolidada em azuis ou cinzas rouba o foco da atenção do observador. Há uma multiplicidade de sensações e atitudes condicionadas pela combinação das cores que se inter-relacionam cognitivamente em coerência ou conflito, tanto no ato de desenhar quanto ao analisar as ilustrações. O conflito revelou-se em desenhos onde há grande contraste entre cores que sugerem iluminação e escuridão.

O atravessamento da composição por traços diagonais de cores claras contribui para estabelecer o entendimento de raios solares materializados perante a visão (Figuras 23 e 24). Em desenhos em que há uma materialização dos raios luminosos, que percorrem um caminho originado do “Sol” até a manifestação da cor no objeto, o emprego de cores escuras em faces opostas das formas iluminadas estabelece uma harmonia por coerência entre a representação e sua realidade.

A contraposição entre claro e escuro em uma mesma forma, de maneira sólida, mesmo que em um dado recorte do céu, permitem perceber elementos implícitos da representação, que são de extrema importância para compor a realidade do mundo representada como paisagem. Tratam-se de aspectos intangíveis como o sentido do percurso dos raios luminosos, a posição de sua origem e a sugestão de um momento nublado. Ainda que não representada, há uma totalidade presente na unicidade do recorte.

Figura 17: Rachel Caroline de Oliveira e Silva, dia 1. Aquarela e caneta sobre papel artístico 100g/m².



Fonte: Elaborado por Rachel Caroline de Oliveira e Silva.

Figura 18: Rachel Caroline de Oliveira e Silva, dia 7. Aquarela e caneta sobre papel artístico 100g/m².



Fonte: Elaborado por Rachel Caroline de Oliveira e Silva.

Como um todo, as séries de ilustrações foram marcadas pela efemeridade do fenômeno da metamorfose das cores nos vapores do céu, e pela afetação individual de experiência da paisagem. Para cada observador a paisagem se diferencia, e essas distinções são evidenciadas na arte, seja pelo traçado ou pela escolha das tonalidades utilizadas, por exemplo. Essa apreensão individual da paisagem está intimamente ligada à passagem da luz, e seu desdobramento em cores, que somada à atmosfera vaporosa do céu, permite unificar os elementos da natureza. Tem-se, assim, a harmonia da paisagem.

4. Reconciliações

Acompanhada de um pensamento crítico, a observação se deu através de um olhar de concentração e intimidade dado à paisagem. Dessa forma, a experiência se revelou potente na

tentativa de capturar as afetações instantâneas dos momentos de apreensão.

A maneira com que cada participante desenvolveu seus desenhos perpassou também por situações e circunstâncias, juízos e decisões de natureza artística subjetiva. Isso, sem dúvida, acaba por influenciar o significado que foi dado à paisagem enquanto natureza, obra de arte e expressão sensível transposta ao estado de representações.

A paisagem, por ser uma experiência de observação individual, teve diferentes signos interpretados por cada participante. Uma mesma observação pode gerar diferentes imagens, já que em cada momento focalizará a análise em um determinado ponto de atenção, conforme a afetação desperta no encontro com o mundo e as cores em sua manifestação.

O olhar atento aos desenhos produzidos e às particularidades de cada um deles foi capaz de revelar essas individualidades e sensibilizações experimentadas no momento de observação da paisagem. Nesse sentido, a proposta possibilitou uma nova forma de se colocar diante de fenômenos da natureza que muitas vezes passam despercebidos, mas que são responsáveis por condicionar o estar no mundo. Os participantes acabam por atribuir significados e valores às suas paisagens, que passam a estar intimamente ligadas às suas singularidades, à sua história e à sua identidade.

Essa apreensão sensível mostrou-se de suma importância, principalmente quando se pensa em futuros profissionais da Arquitetura e das Ciências Sociais Aplicadas como um todo, evidenciando a compreensão entre o ser habitante e o mundo e o entendimento do outro como um ser dotado de sentimentos e valores diferentes.

Deslocar-se ao lugar da intimidade - isolamento - intensificou o despertar da consciência de uma sensibilidade. Foi uma experiência de imersão na paisagem e na vivência cotidiana mediada pela arte que possibilitou o encontro com a natureza em sua metamorfose, reconciliando-nos como parte e todo.

Referências

BESSE, Jean-Marc et al. **O gosto do mundo: exercícios de paisagem**. Rio de Janeiro: eduerj, v. 234, 2014.

BESSE, Jean Marc. **Ver a terra: Seis ensaios sobre a paisagem e a geografia**. GEOgraphia, v. 8, n. 15, 2006.

CARERI, Francesco. **Caminhar e Parar**. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini. São Paulo: Editora Gustavo Gili, 2017

CARERI, Francesco. **Walkscapes: o caminhar como prática estética**. São Paulo: Gustavo Gili, p. 28-29, 2013.

GOETHE, Johann Wolfgang von. **A metamorfose das plantas [1790]**. Tradução de Maria Filomena Molder. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1993.

GOETHE, J. W. **Viagem à Itália**. São Paulo: Cia. Das Letras 1999.

POSSEBON, Ennio Lamoglia. **A teoria das cores de Goethe hoje**. 2009. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.